

Interpretação do português para a Libras no Programa *Roda Viva* da TV Cultura: aspectos e estratégias do trabalho em equipe

Interpretation from Portuguese into Brazilian Sign Language on TV Cultura's *Roda Viva* Show: aspects and strategies of teamwork

Vinícius Nascimento¹

Nicolas Nascimento²

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa, de caráter analítico-descritiva, que objetivou investigar o processo de interpretação intermodal do português para a Libras realizada em equipe a partir do gênero entrevista coletiva. O *corpus* foi coletado junto à equipe de intérpretes de Libras que atua no Programa *Roda Viva* da TV Cultura. A partir da triangulação teórica entre o pensamento bakhtiniano, os estudos da tradução e interpretação da língua de sinais (ETILS) e a ergologia, o estudo observou, por meio do dispositivo metodológico da autoconfrontação simples e cruzada, como os intérpretes, enquanto trabalhadores, observam, descrevem e analisam sua própria atividade interpretativa a partir do gênero em questão. Foram encontradas diferentes estratégias de interpretação como o uso de recursos linguístico-discursivos relacionados às características da Libras enquanto língua-alvo e o impacto da visualidade do cenário do programa na construção discursiva da língua-alvo, bem como aspectos diretamente relacionados com o gênero entrevista coletiva e com o trabalho em equipe como a importância da preparação, a influência do tempo durante a interpretação simultânea, as dramáticas do uso de si em relação às tomadas de decisão durante a atividade interpretativa e a manutenção das escolhas realizadas pelo intérprete de turno a despeito das sugestões do apoio.

Palavras-chave: Libras. Interpretação midiática. Trabalho em equipe. Autoconfrontação. Janela de Libras.

Abstract: This article presents the results of a qualitative research, of an analytical-descriptive approach, which aimed to investigate the intermodal interpretation process from Portuguese into Libras carried out in a team from the collective interview genre. The corpus was collected with the Libras interpreters' team who work on TV Cultura's *Roda Viva* Show. From the theoretical triangulation between Bakhtinian thought, the sign language translation and interpretation studies (ETILS) and ergology, the study observed, through the methodological device of simple and crossed self-confrontation, as interpreters, as employees, observe, describe, and analyze their own interpretive activity from the genre in question. Different interpretation strategies were found, such as the use of linguistic-discursive resources related to the characteristics of Libras as a target language and the impact of the program's scenario visuality on the discursive construction of the target language, as well as aspects directly related to the interview genre and with teamwork as the importance of preparation, the influence of time during simultaneous interpretation, the dramatic use of oneself in relation to decision-making during the interpretive activity and the maintenance of the choices made by the shift interpreter despite the support suggestions.

Keywords: Libras. Media interpreting. Teamwork. Self confrontation. Sign Language screen inset.

¹ Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Psicologia, São Carlos, SP; Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: nascimento_v@ufscar.br.

² Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, SP, Brasil. Endereço eletrônico: nicolas_nascimentos123@hotmail.com.

Introdução

A comunidade surda tem lutado para garantir seus direitos básicos como cidadãos brasileiros já há alguns anos e essa luta tem culminado na consolidação de direitos sociais, linguísticos e educacionais. Dentre os diferentes contextos que tem apresentado resultados da histórica movimentação dessa população por participação social, o *audiovisual*, enquanto esfera da atividade, tem se destacado de modo significativo.

A lei nº 10.098/00 (BRASIL, 2000), mais conhecida como “lei da acessibilidade” e que estipula normas e critérios básicos para a promoção do acesso de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida à vida social, foi a primeira legislação a determinar que serviços de radiodifusão e de sons e imagens deveriam adotar um “plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais³ ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento” (BRASIL, 2000, s/p, grifo nosso).

Foi a partir desse documento que pesquisadores e instituições do setor cultural aliados à comunidade surda passaram a discutir pontualmente as formas de promoção dos seus direitos linguísticos nesse contexto. Uma das formas de promoção desses direitos acontece por meio da oferta de serviços de tradução e da interpretação da Libras que pode ser apresentada em produções audiovisuais por meio de uma janela que corresponde

[...] ao espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) no qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo na tela, exibido simultaneamente à programação (NAVES, 2016, p. 15-6)

Em 2005, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) criou a NBR 15.290 – Acessibilidade em comunicação na televisão – que “estabelece diretrizes gerais a serem observadas para acessibilidade em comunicação na televisão, consideradas as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais” (ABNT, 2005, p. 1). Tal norma tem a finalidade de orientar a presença das diversas formas de inclusão em produções televisivas e possui um

³ As expressões “língua de sinais” e “pessoa portadora de deficiência” são citações literais do documento e funcionam como registro históricos da evolução social e terminológica sobre a língua utilizada pelos surdos brasileiros e sobre o conceito de deficiência. Segundo Nascimento (2020), a primeira expressão era utilizada, até o início dos anos 2000, com base na ideia de que as línguas de sinais são universais e que, por isso, os “gestos” produzidos pelos seus falantes seriam facilmente compreendidos por qualquer pessoa e a segunda, por sua vez, apesar de aparecer na Constituição de 1988, (SCHMIDT, 2019), não é mais utilizada porque dá a entender que a deficiência é portada ou carregada pelo indivíduo como se fosse algo externo a ele e não intrínseco.

capítulo para cada diretriz e forma de acessibilidade. O sétimo é o responsável por definir as regras referentes à janela de Libras⁴.

Entretanto, apesar da existência de algumas leis e de documentos que garantem e orientam a acessibilidade, a tradução e a interpretação da Libras não eram adotadas amplamente em produções audiovisuais, especialmente na TV aberta, até meados da década passada. Porém, esse cenário foi minimamente alterado com a implementação da Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015), também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI), no ano de 2015 que tornou a janela de Libras obrigatória em produções audiovisuais nacionais em diferentes setores, especialmente em debates e propagandas político-eleitorais.

A lei, nesse sentido, foi um importante avanço para a participação dos surdos na cidadania e na vida cultural brasileira, uma vez que as produções audiovisuais propiciam à população acesso ao lazer, informes, notícias e contribuindo para a construção de opiniões sobre diversos assuntos, como salienta Nascimento (2016, p. 35): “as programações exibidas pelas redes concessionárias mobilizam a opinião pública e diversos grupos sociais a respeito daquilo que é ofertado como jornalismo e entretenimento”.

As leis e diretrizes citadas acima foram responsáveis por moldar o cenário atual do trabalho do tradutor e do intérprete de língua de sinais como o agente mediador da comunicação entre surdos e ouvintes e que, com sua atuação, promovem a acessibilidade linguística dos surdos garantidas como direito. Embora na legislação haja a expressão “tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa”, é preciso considerar que as atividades de tradução e de interpretação são operacionalizações diferentes da translação de um “material linguístico de uma língua a outra” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 20) demandando dos profissionais, portanto, competências diferentes.

Essas duas operacionalizações têm sido adotadas e apresentadas em produções audiovisuais de diferentes gêneros (NASCIMENTO, 2017). A tradução vem sendo usada em filmes, séries e produções em que há possibilidade de o tradutor realizar planejamentos, pesquisas e estudos terminológicos e a rever e refazer o texto em Libras quantas vezes for necessário. E a interpretação, diferente da tradução, vem sendo ofertada em shows transmitidos, *lives* musicais (especialmente com o contexto da pandemia), programas televisivos ao vivo como telejornais e programas de entrevista.

⁴ Nascimento e Nogueira (2019) alertam que apesar de ser possível ler tanto na legislação quanto nas normas orientadores a expressão *janela de Libras* quase como sinônimo de *tradução e interpretação*, janela deve ser compreendida como o *locus* de exibição do discurso produzido em Libras durante as atividades tradutórias e interpretativas e pesquisas nas duas direções podem e devem ser realizadas a fim de compreender as suas diferentes dimensões.

Com as Instruções Normativas (I.N.) N. 116 e 128 da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) que determinou que todos os projetos audiovisuais financiados com recursos por ela geridos deveriam conter em seus orçamentos serviços que promovam acessibilidade como a tradução para Libras, a tradução audiovisual vem sendo promovida com mais intensidade em gêneros cinematográficos. Além disso, é possível assistir hoje em dia publicidades de bancos, supermercados e diferentes setores do comércio com esse serviço, o que pode indicar uma possível mudança do setor em relação a comunidade surda ao enxergá-la como potencial consumidora e participante da sociedade como um todo.

Entretanto, apesar dos avanços e da ampliação da tradução audiovisual, a interpretação, marcada pela sua relação com o contexto imediato de produção (PÖCHHACKER, 2004; NASCIMENTO, 2016; RODRIGUES, 2018), ainda não é tão recorrente no audiovisual brasileiro. Sua presença é frequente durante o período eleitoral nos debates, por determinação da lei, mas fora desse período ela é pouco adotada em programações audiovisuais ao vivo, visto que “a tradução e interpretação de língua de sinais, embora apontada em muitos documentos internacionais como direito humano das comunidades surdas, ainda não é encarada como tal em produções audiovisuais.” (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019, p. 109).

Atualmente, no Brasil, são poucas as emissoras televisivas que oferecem os serviços de tradução e de interpretação da Libras ao longo de sua programação. Uma delas é a TV Cultura que disponibiliza os serviços em diversos programas de sua grade em programações gravadas, dando indícios de um trabalho de tradução, e em programas ao vivo, exibindo, assim, interpretação simultânea do português para a Libras.

Neste artigo, a partir de uma articulação teórico-metodológica entre os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais – ETILS (LOURENÇO, 2015; NASCIMENTO, 2011; 2014; 2016a; 2016b; 2017; 2020; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019; RODRIGUES, 2018; RODRIGUES; BEER, 2015), a ergologia (SCHWARTZ, 1998; 2011; TRANQUET, 2010) e o pensamento bakhtiniano (BAKHTIN, 2016), apresentamos o recorte de um estudo (NASCIMENTO, 2021) desenvolvido com os intérpretes que atuam com o par linguístico Libras-português na TV Cultura. O objetivo da pesquisa foi investigar o processo de interpretação intermodal do português para a Libras realizada em equipe a partir do gênero entrevista coletiva. De modo mais específico, pretendeu-se descrever as estratégias necessárias para se interpretar no contexto da entrevista coletiva, especificamente, no programa Roda Viva, exibido na emissora TV Cultura e, também, na plataforma *Youtube*.

Aspectos metodológicos do estudo

Este estudo é de natureza qualitativa, de caráter analítico-descritivo, e foi produzido no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS) ligado ao Departamento de Psicologia e ao Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Antes de sua realização, a pesquisa foi submetida, avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (CAAE: 27001119.5.0000.5504) e a construção do *corpus* da pesquisa foi realizada nas dependências da TV Cultura que autorizou a participação dos intérpretes, bem como o uso do seu material e espaço.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram duas das intérpretes que atuam na interpretação do Programa *Roda Viva*. O trabalho dos intérpretes na emissora é realizado em equipe com surdos e ouvintes. A atuação de intérpretes de Libras nesse programa figura-se em um dos significativos ganhos da política de defesa dos direitos linguísticos, sociais e comunicacionais da comunidade surda, uma vez que o Programa *Roda Viva* é um dos mais tradicionais programas de entrevista da TV brasileira sendo “um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias” (TV CULTURA, s/d). Com a presença de intérpretes, o Programa coloca a população surda que se comunica com a Libras na posição de interlocução de diferentes diálogos com pessoas que estão no debate público.

Como dispositivo metodológico foi adotado a *autoconfrontação simples e cruzada* que se configura em

[...] um dispositivo dialógico organizador das análises que é posto em funcionamento pelo pesquisador ao recuperar as relações dialógicas que se estabelecem em diferentes campos de sentido. Tais materiais são fornecidos como subsídios para o debate entre os protagonistas, desenvolvendo um diálogo reflexivo apoiado em traços concretos da atividade contrapostos às representações discursivas da atividade. (VIEIRA, 2004, p. 11).

Essa metodologia foi selecionada porque por meio dela as profissionais que participaram dessa pesquisa poderiam analisar sua própria atividade de trabalho de um ponto de vista diferente do corriqueiro, ou seja, se no dia a dia de trabalho elas estão sempre tomando as decisões e escolhendo suas próprias estratégias sem ter tantas percepções sobre a atividade, nesse momento de análise eles observam as decisões que tomaram e notam elementos que passaram despercebidos durante a atuação. Segundo Faïta e Vieira (2003), podemos descrever a *autoconfrontação simples* como o momento da produção de um discurso que se refere às sequências filmadas, ao que elas mostram, sugerem ou evocam. Ao vídeo que

registra a atividade inicial, com suas lacunas e suas elipses, a autoconfrontação simples acrescenta um contexto carregado de comentários. Já a *autoconfrontação cruzada* pode ser descrita como uma movimentação dialógica a respeito da autoconfrontação simples enriquecida de comentários e de digressões metacognitivas, metalinguísticas e de antecipações sobre o decorrer do processo de trabalho observado.

O método de autoconfrontação se estrutura em três fases: 1) constituição do grupo de análise que desenvolve o trabalho sobre o objeto da pesquisa e sobre as opções metodológicas; 2) a realização das autoconfrontações simples e cruzadas mobilizando a conjugação das experiências; 3) a extensão do trabalho de análise ao coletivo profissional. (VIEIRA; FAÏTA, 2003, p. 29). Para a realização do estudo, foi utilizada a edição do programa exibida pela emissora no dia 3 de março de 2020⁵. Essa edição recebeu como convidado o ex-ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Gustavo Bebianno, e o critério de escolha foi a última atuação dos intérpretes antes do agendamento da autoconfrontação⁶.

Figura 1: Edição do *Roda Viva* utilizado na pesquisa.



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Na primeira etapa do estudo, o vídeo escolhido foi assistido pelo pesquisador responsável pela realização da autoconfrontação e, na sequência, foi agendado o dia e o horário com as intérpretes que se disponibilizaram em participar do estudo. Na segunda etapa, foram realizadas tanto a autoconfrontação simples, em que a intérprete presente na janela de Libras fazia apontamentos sobre sua própria atuação, quanto a autoconfrontação cruzada, em que a intérprete, que fazia parte da equipe e estava no apoio na ocasião selecionada, teceu comentários a respeito da atividade de seu colega. E a última etapa foi o trabalho de análise dos enunciados construídos durante a autoconfrontação a partir da materialidade enunciativo-discursiva produzida a partir da aplicação do dispositivo.

⁵ O programa em questão pode ser encontrado integralmente no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=NiT8Oe2kQnk>.

⁶ A autoconfrontação aconteceu poucos dias antes da publicação dos decretos estadual e federal que instituíram o distanciamento social como medida protetiva contra a Covid-19.

No dia agendado para a autoconfrontação, as intérpretes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com a participação na pesquisa e com uso da imagem e nome na fase de transcrição e análise. Para a fase 3, foi acordado que, após assistir ao bloco selecionado pela primeira vez, para que as intérpretes se familiarizassem com o discurso, o bloco seria assistido novamente, e as participantes poderiam comentar livremente sobre quaisquer aspectos que elas achassem pertinentes a respeito da interpretação.

A gravação da coleta ocorreu em um dos estúdios da emissora de televisão TV Cultura e foram utilizadas 2 câmeras para a gravação, 2 tripés e 1 notebook. Ambas as câmeras foram capazes de gravar a autoconfrontação integralmente. A câmera 1 tinha como função capturar as imagens das intérpretes participantes e do notebook utilizado, enquanto a câmera 2 tinha como função capturar as imagens de ambas as intérpretes e do pesquisador. O notebook se encontrava perto da intérprete que aparecia na janela selecionada para análise, ela mesma controlava o equipamento, podendo pausar, voltar ou avançar de acordo com sua vontade, ou a pedidos da outra intérprete que estava presente para a realização da pesquisa.

Figura 2: realização da autoconfrontação



Fonte: Nascimento (2021, p. 29).

Para realizar a análise propriamente dita, as imagens das intérpretes que participaram dessa pesquisa serão utilizadas, pois essa pesquisa observa línguas de duas modalidades distintas, sendo elas a língua portuguesa, na modalidade vocal-auditiva, e a Libras, na modalidade gesto-visual. Dessa maneira, a estratégia utilizada para analisar os dados coletados, que é de natureza bilíngue bimodal com a presença do fenômeno da sobreposição de língua (QUADROS; LILLO-MARTIN, PICHLER, 2011; QUADROS, 2017), é a do uso um método de transcrição combinado que mescla o texto em português, transcrito a partir das normas propostas pelo projeto NURC (PRETI, 2003), e as imagens, conforme proposta de Nascimento (2016).

Foram cinco as categorias de análise retiradas do *corpus*: a (i) importância da preparação e do estudo prévio, (ii) a influência do tempo, (iii) as estratégias linguístico-discursivas relacionadas às características da Libras enquanto língua-alvo, (iv) as dramáticas

do uso de si em relação tomadas de decisão e (v) a manutenção das estratégias escolhidas na interpretação. A partir dos dispositivos da autoconfrontação simples e cruzada, foi possível discutir diversos temas ligados a atividade de interpretação da Libras, uma vez que, assistindo ao produto de um trabalho as participantes puderam lembrar o momento de sua atuação e tecer comentários a respeito dos pensamentos que surgiram tanto no momento da atuação quanto na visualização do vídeo. Aqui, serão apresentados alguns recortes das categorias analisadas.

Desafios e dramas da interpretação a partir do gênero entrevista coletiva

O *estudo prévio como estratégia de preparação* foi algo mencionado pelas profissionais logo nos primeiros minutos da coleta do *corpus*. Ambas apontaram que, devido a massiva quantidade de informações disponibilizadas no início do programa, o estudo prévio se faz necessário para que as informações sejam passadas de maneira clara. Também é mencionado que, devido a preparação, é possível que acréscimos de informações sejam realizados na interpretação do enunciado, uma vez que a compreensão do público sobre algumas informações passadas na introdução do programa está relacionada com o repertório que ele tem do assunto debatido durante a entrevista.

EXCERTO 1

Natalia - 0'27''

Também sabemos a profissão de cada pessoa, onde eles trabalham, qual a editora.

EXCERTO 3 - IMG_1618.MOV

Beatriz - 1'07''

Também é legal explicar, por exemplo, é... tem algumas coisas que eu estudei antes, que eu conheço já, eu sei a informação, por isso que eu complemento.

Natalia - 1'40''

Mas antes também a gente se reuniu e pesquisou quem era o Bebiano, o que ele fazia, a gente fez um resumo pra saber quem ele era, para contextualizar.

Beatriz - 1'55''

Ah, sim! A gente estudou quem era o Bebiano, a gente estudou um pouco pra saber quem ele era, quem ele foi, qual a formação dele, pra poder ter /pra contextualizar, pra entender. Mas, no começo também, ela fala muito rápido, e aí ela tenta é... explicar quem é esse convidado e o que aconteceu. Porque teve um problema com ele, com o Bolsonaro /na verdade com o filho do Bolsonaro. Então eu, eu, eu procurei as informações, o que aconteceu "ah, entendi, teve a briga lá, entendi". E aí ela dá/ela não explica em detalhes, ela dá uma dica sutil, sabe assim simples? Mas eu complemento na minha interpretação pro surdo entender, fazer aquele contextualizar.

Como as profissionais trabalham com um programa jornalístico de entrevistas semanal que recebe diferentes pessoas para discutir temas diferentes, é necessário que sempre seja

realizado uma intensa preparação antes da atuação, uma vez que elas não são especialistas de todas as áreas de conhecimento das quais o programa possa tratar. Esse movimento de preparação das intérpretes é de extrema relevância para a atuação e, segundo Nogueira (2016, p. 114), corresponde a “uma pré-interpretação em que os intérpretes mobilizam recursos a serem utilizados durante o processo interpretativo” de diferentes naturezas como documentos, vídeos e outros materiais que possam contribuir para o mapeamento do perfil do orador, do seu estilo e velocidade de fala e outros aspectos.

A preparação da equipe que atua na TV Cultura, entretanto, no episódio analisado, conforme narrativa das intérpretes, se concentrou em dois aspectos: no levantamento do perfil do convidado e nas relações e eventos vivenciados por ele no âmbito político. Como o debate e a discussão nesse tipo de entrevista invoca aspectos de vivências em diferentes situações e que a sociedade ouvinte, em alguns momentos, poderia inferir com uma ou duas palavras, por exemplo, na interpretação para a língua de sinais a intérprete de turno⁷ contou com a preparação para realizar um movimento de acréscimo “de modo a melhor transmitir ou esclarecer a mensagem e evitar informações pouco claras no discurso de destino” (LI, 2013, p. 110)⁸.

Na realidade de trabalho em programas televisivos, o intérprete precisa criar um enunciado que tenha uma duração equivalente ao tempo do enunciado-fonte devido a velocidade da produção ao vivo. Segundo Nascimento (2011, p. 81), essas especificidades demandam do intérprete na esfera televisiva uma preparação específica marcada pela construção de uma competência referencial fundamentada por dois fatores principais:

1) o público-alvo da interpretação nessa esfera é muito maior do que seria em uma sala de aula, em um curso, palestra ou conferência, logo a probabilidade de alcance de um erro da interpretação seria mais abrangente acarretando para o TILSP [tradutor e intérprete de Libras-Português] e para a produção audiovisual interpretada problemas futuros, inclusive de cunho institucional; e 2) pela simultaneidade envolvida no ato interpretativo nesta esfera. Em uma produção audiovisual transmitida ao vivo, por exemplo, a interpretação deve finalizar juntamente com a fala do locutor para que a sinalização não seja cortada pela vinheta de intervalo ou encerramento da produção interpretada.

⁷ Neste artigo, usaremos *intérprete de turno* para fazer referência ao intérprete que está na posição “ativa” e *intérprete de apoio* para o que está na posição “passiva” durante um trabalho de interpretação em equipe. Entretanto, segundo Nogueira (2016), no trabalho em equipe, caso atuem em um modelo mais colaborativo, ambos os intérpretes estão em atuação, uma vez que o primeiro está, de fato, executando a interpretação e o segundo, na função de apoio, está no suporte para que o que está no turno realize seu trabalho na melhor maneira possível. O termo “ativo”, nesse sentido, está mais relacionado à posição de execução da interpretação durante o trabalho em equipe.

⁸ Na fonte: *The interpreter adds information or expands the source discourse, so as to better convey or clarify the message and avoid unclear information in the target discourse.*

O uso dessa estratégia está ligado diretamente, nesse caso, não apenas aos aspectos informacionais do discurso que precisa ser interpretado, mas, também, às diferenças de modalidade da língua, uma vez que há diferenças discursivas entre as línguas mobilizadas durante a interpretação do intérprete, em alguns momentos, acréscimos e expansões recorrentes durante a atividade interpretativa. Nesse sentido, as *estratégias linguístico-discursivas relacionadas aos parâmetros da Libras* apontam para as dificuldades enfrentadas no processo de interpretação, conforme salienta a intérprete surda da equipe:

EXCERTO 2 – Natalia

16'23''

Eu gostei da forma que você passou a emoção, não é uma interpretação sempre suave, existem momentos de oscilação onde a Libras está mais agressiva, é como se acompanhasse a voz do Bebiano. Isso, junto com as expressões, acaba transmitindo o sentimento, dando para perceber que o convidado está emotivo.

O ponto levantado por Natália toca numa questão cara na interpretação para uma língua de sinais que é a dimensão prosódica manifestada especialmente no uso de expressões não manuais faciais e corporais (LEITE, 2008). Essa dimensão evidencia o que os pesquisadores têm denominado de *efeitos de modalidade* (QUADROS, 2006) e seus impactos no processo de interpretação (RODRIGUES, 2018). O termo modalidade corresponde aos “sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais [...] a fonética [de uma língua] se realiza.” (McBURNEY, 2004, p. 351 *apud* RODRIGUES, 2018, p. 304, grifos do autor). Segundo Rodrigues (2018), existiriam duas formas de modalidade de língua até então mapeadas e descritas: 1) as línguas vocais-auditivas, cuja produção se dá pelo aparelho fonador e seus articuladores e recepção pela audição, e 2) línguas gesto-visuais, tal que o principal articulador são as mãos e os braços e a recepção mediante a visão. No contexto em tela, o português é identificado como uma língua vocal-auditiva e a Libras como uma língua gesto-visual.

Dentre as diversas implicações das diferenças de modalidade, está o acesso ao discurso produzido pelo intérprete. Por ser uma língua produzida utilizando todo o corpo, o intérprete precisa estar visível, uma vez que se houve ocultação corporal haverá o completo apagamento da língua. Logo, diferente da interpretação de línguas da modalidade vocal-auditiva em que geralmente aparece apenas a voz do intérprete e sua imagem fica oculta, na interpretação intermodal o corpo do intérprete fica visível porque é só por meio da visibilidade desse corpo que o público pode ter acesso ao discurso interpretado.



Um dos aspectos que evidenciam a diferença das modalidades das línguas é a forma de construção do discurso que pode ser influenciado pelo espaço físico e pela visualidade do

contexto imediato da interpretação, uma vez que o intérprete, a depender do gênero em que estiver atuando, precisará marcar o posicionamento dos falantes realizando mudanças corporais, por vezes sutis, para identificar os falantes. Além disso, no caso de programas televisivos, a velocidade de fala pode ser outro fator influenciador, visto que as línguas gesto-visuais possuem uma organização fonético-fonológica diferente das línguas vocais-auditivas e a forma de produção do discurso precisa, no caso de contextos audiovisuais, finalizar conjuntamente com o discurso vocal-auditivo produzido pelos locutores iniciais (NASCIMENTO, 2011). Segundo Lourenço (2015, p. 321),

[...] a partir de observações empíricas e de relatos de profissionais tradutores e intérpretes de Libras, tem-se que uma das dificuldades encontradas no processo de transposição da língua oral para a língua de sinais, e vice-versa, é justamente o fato de as línguas de sinais fazerem uso do espaço de sinalização e de movimentos com as mãos e com o corpo para veicular informações de maneira quadridimensional, enquanto as línguas orais fazem uso de um sistema linear de encadeamento de informações no fluxo de fala.

Para lidar com os múltiplos participantes da arena que compõe o *Roda Viva*, a equipe direciona o corpo na posição de quem pergunta e de quem responde, conforme figura 3. Esse foi outro elemento inerente às estratégias linguístico-discursivas que apareceu durante autoconfrontação e que pode ser atribuído às diferenças de modalidade de língua e à dimensão composicional do gênero do discurso interpretado:

Figura 3: transcrição intermodal

	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
Beatriz	<p>Eu tento sempre /quem tá falando/se a câmera focar, eu me posiciono conforme a pessoa, se ela tá virada pra cá [</p>  <p>CL – CORPO VIRADO PARA A ESQUERDA</p> <p>eu viro também para incorporar o personagem dela. [</p>  <p>INCORPORAÇÃO DO CORPO VIRADO PARA A ESQUERDA</p>	Não ocorrência

Fonte: Nascimento (2021, p. 43).

Em determinado momento, Natalia cita a recorrência dessa estratégia em atividades de tradução exercidas pela equipe, pois com o programa já gravado, a equipe assiste ao material, vê em quais posições estão os interlocutores em cada momento do programa, e organizam a

tradução para que o tradutor reproduza, dentro da janela de Libras, a mesma posição que o interlocutor. Beatriz menciona que utiliza a mudança corporal na interpretação nos mesmos moldes utilizados nas atividades de tradução, mas Natalia ressalta a inviabilidade dessa estratégia devido aos múltiplos ângulos durante todo o programa.

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são organizados por similaridades permitindo que nenhum sujeito fale no/para o “vazio”. Como o enunciado concreto é fundado, sobretudo, nas relações interlocutivas e elas, por sua vez, moldam nosso projeto enunciativo-discursivo, os gêneros organizam aquilo que queremos dizer a partir da composição, estilo e tema. Essa articulação é fundamentada pelas relações interlocutivas que determinam suas formas de acontecimentos. Na estratégia narrada pelas intérpretes há uma preocupação de marcar quem são os enunciadores durante a interpretação, haja vista a dinâmica de arena do programa e da múltipla interlocução tendo de ser evidenciada por apenas um intérprete na tela. A estratégia, nesse sentido, revela a singularidade desse gênero e o movimento da equipe em permitir com que os interlocutores (ainda que presumidos) consigam identificar cada turno de fala a partir da mudança corporal.

Porém, um complicador aparece durante o uso dessa e de outras estratégias: o tempo de produção do enunciado e da interpretação. Esse fator aparece na autoconfrontação na fala das intérpretes.

EXCERTO 3 – Beatriz

10'26''

Sim, influencia demais, porque às vezes não vai dar /a gente sabe que não vai dar tempo. Então a gente não sabe também o que que ele vai continuar falando, às vezes o assunto acabou e vai pra outro assunto.

EXCERTO 4 – Natalia

10'37''

Ou também se ela fizer a datilologia, eu vejo e tenho uma ideia de qual sinal usar, mas a interpretação está muita rápida e já foi o momento de usar aquele sinal que eu pensei, aí eu deixo ela fazer só a soletração mesmo. Isso mostra que influencia também na minha escolha de passar ou não o sinal.

Natalia e Beatriz discorrem sobre algumas das particularidades que ocorrem em suas interpretações devido ao fator tempo, principalmente sobre algumas características atreladas ao fato da constante pressão exercida durante a atuação. Na situação de interpretação em uma emissora de televisão, não basta pensar na melhor maneira de interpretar o que está sendo dito presumindo o público-alvo da interpretação, mas também é preciso que haja uma preocupação com a duração do enunciado que será produzido. Natalia salienta também que o apoio também está sujeito às interferências ocasionadas pelo tempo, uma vez que algumas ideias pensadas para dar o suporte para a intérprete do turno precisam ser descartadas

momentaneamente, pois o assunto da interpretação já mudou e o momento para a utilização daquele léxico já passou.

Silva e Nogueira (2012) salientam que diferentes aspectos podem contribuir para o trabalho em equipe e, especialmente, para a posição do apoio como os acordos estabelecidos entre os intérpretes que vão da melhor da oferta desse apoio até o controle do tempo e a troca de turno. No caso da situação analisada, a intérprete de apoio é surda e sua atuação no turno acontece por meio da *interpretação feed sinalizada* que corresponde ao recebimento do texto fonte já interpretado em língua de sinais (SILVA; RUSSO, 2016). Na posição de apoio, a intérprete Natália, por questões da limitação auditiva, não pode antecipar aspectos do texto fonte oral e sua atuação como apoio acaba se restringindo às dificuldades apresentadas pelo intérprete do turno durante a sinalização. Essa distinção da posição enunciativa dos intérpretes e de suas diferentes condições para atuar pode gerar, tanto em quem está no turno quanto quem está no apoio, aquilo que a ergologia denomina *de dramáticas do uso de si*, conceito elaborado por Schwartz (1998, s/p), e que se refere a uma “situação em que o indivíduo tem de fazer escolhas, ou seja, arbitrar entre valores diferentes, e, às vezes, contraditórios”.

Toda atividade de trabalho apresenta dramáticas porque os sujeitos, inscritos na história, vivenciam um constante debate de valores impulsionado pela relação sinérgica entre os saberes constituídos e os saberes investidos. Em alguns casos, o trabalhador durante seu fazer laborioso se depara com o que Schwartz (2011) denominou de *vazio de normas*. Como alguns intérpretes não passaram por uma formação institucional para atuarem profissionalmente, constantemente eles vivenciam esse vazio o que constitui, assim, um balizador “para a vivência de situações dramáticas, conflituosas e, muitas vezes, constrangedoras, uma vez que, quando não há normas para orientar a atividade ela pode ficar obscura, obtusa e sem direção” (NASCIMENTO, 2014, p. 1124-5).

E isso aparece na fala das intérpretes especificamente na discussão sobre a interpretação de um termo em português utilizado pelo entrevistado e que possui uma alta carga valorativa pelo contexto político de polarização vivenciado no Brasil:

EXCERTO 13 - IMG_1618.MOV

Beatriz - 8'37''

Por isso eu não falei/precisa explicar “Bolívia”, por que Bolívia?

Natalia – 8'45''

[

É bom fazer a datilologia.

Beatriz - 8'47''

Ele falou a palavra “Bolivariano”, ele só falou essa palavra.

Natalia - 8'49''

É bom fazer a datilologia, porque o surdo que não conhece pode ir pesquisar depois.









Beatriz - 8'55''

Então, mas, devido ao tempo, eu não consegui encaixar a datilologia. Que estratégia você usaria? Eu escolhi só mostrar que ele estava falando algo relacionado à esquerda.

Natalia - 8'59''

Se você fizesse a datilologia na hora, eu poderia ver e passar uma estratégia pra você.

Figura 4: transcrição intermodal

	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
Beatriz	<p>Na hora eu não fiz a datilologia do bolivariano, que seria é... o estilo igual da Bolívia que é um país de esquerda, então eu falei assim /na hora eu não fiz nada eu só é... mesmo</p> <p>[</p>  <p>MESMO</p> <p>igual passado esquerda não,</p>     <p>[[[[</p> <p>IGUAL PASSADO ESQUERDA NÃO</p> <p>jeito novo entendeu? Ai, eu usei essa</p> <p>[[</p>   <p>NOVO JEITO</p> <p>estratégia.</p> <p>Ela falou que poderia fazer datilologia pra dar uma informação pro surdo, porque é um conceito que às vezes alguns conhecem, alguns não conhecem vai pesquisar.</p>	 <p>ESQUERDA</p>
Natalia	Ou também eu poderia ter visto e dado uma dica.	

Fonte: Nascimento (2021, p. 50).

Com os trechos transcritos acima, o que chama atenção é a escolha da intérprete em não transliterar o termo que foi dito pelo entrevistado “bolivarianismo”, apesar de ter dúvidas sobre o sentido do termo. Beatriz indica que, devido ao tempo, não pôde fazer a soletração do termo, uma escolha que acarretou outra estratégia, descrita na figura 3. Como não havia tempo para uma datilologia, a intérprete optou por explicar o que ela havia entendido da fala do entrevistado, absorvendo o que ele havia dito, transpondo este enunciado para língua de sinais com base em seu próprio repertório. No entanto, Natalia indica que, por não ter apresentado a mesma palavra que o participante da entrevista, Beatriz privou o público surdo deste termo, que poderia, posteriormente, ser pesquisado pelo telespectador para um entendimento mais profundo da fala do convidado. A discussão empreendida pelas intérpretes, nesse sentido, evidencia a disputa por um sentido possível para um termo polêmico em português. Cada uma, posicionada axiologicamente em uma condição (Beatriz,

ouvinte e Natália, surda) debatem formas diferentes de mobilizar o enunciado em Libras a partir de suas localizações ideológicas.

Na perspectiva bakhtiniana, as interações são a chave para a criação de sentidos, pois “o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado. O seu significado e a sua forma são determinados principalmente pela forma e pelo caráter dessa interação” (VOLOCHINOV, 2019, p. 128). O enunciado, nessa direção, diz respeito ao “produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados” (VOLOCHINOV, 2017, p. 204) e só pode ser realizado na relação indissolúvel entre locutor e o interlocutor. Locutor é aquele que detém a fala e tem o domínio da palavra no momento de sua externalização, criando um território comum entre locutor e interlocutor. Já o interlocutor é aquele que recebe a palavra, pois a palavra é o território comum entre ambas as partes (VOLOCHINOV, 2017). Todo enunciado possui, nessa direção, uma dimensão semiótico-ideológica porque não existe ideologia sem representação sígnica, conforme defende Volochínov (2017).

O debate pelos sentidos da palavra em questão evidencia diferentes compreensões a partir de posições ideológicas distintas. A intérprete surda, nesse sentido, salienta a importância do uso da estratégia da datilologia para permitir ao público surdo a ampliação de seu repertório linguístico em português. No momento em que faz essa sugestão, Natália transita enunciativamente da posição de intérprete para a de público mostrando que seu papel na equipe é, praticamente, duplo: a de contribuir com a interpretação como apoio e a de dar *feedbacks* sobre a interpretação enquanto público-alvo daquela produção. Beatriz, por sua vez, mobiliza seu repertório enciclopédico para interpretar o termo. Sua compreensão de “bolivarianismo”, entretanto, atrela-se a duas questões: ao do país latino-americano governado, há muito tempo, por um partido de esquerda, mas também pela ideia de o termo usado pelo entrevistado estaria diretamente ligado à Bolívia. Essa inferência foi realizada a partir de duas pressuposições: (i) a da referência de um “país de esquerda” e (ii) a aproximação fonológica entre o nome do país e a terminologia usada por Bebiano. A partir dessa relação, Beatriz discorre sobre sua decisão de *manter a estratégia* diante da pressão do tempo e da dificuldade ligada a essa disputa de sentido sobre uma terminologia complexa.

Considerando o conceito de enunciado, é possível delinear o seguinte raciocínio: se o enunciado se constitui como tal durante a interação entre locutor e interlocutor, a estratégia utilizada por Beatriz se deu por meio de uma interlocução com o entrevistado, que estava na posição de locução do discurso a ser interpretado, e do público-alvo presumido, os surdos que poderiam estar assistindo ao programa com interpretação para a Libras. Mesmo com a

presença da intérprete surda na posição de apoio, a interlocução para a construção dessa estratégia não aconteceu durante a interpretação pela restrição do apoio acessar o termo produzido em português.

Compreendendo o fazer do intérprete nessa perspectiva, é possível observar que tal atividade nasce, vive e morre no processo de interação social (VOLOCHINOV, 2017) e está além da substituição de elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos etc. por parte do profissional. Logo, apenas é possível analisar esses enunciados partindo de um contexto real de produção para conceber quais foram as condições oferecidas para o intérprete antes, durante e depois do processo de interpretação.

Toda atividade profissional possui suas dramáticas e a atividade do intérprete de Libras não é diferente. Estar na posição de interpretar os enunciados de uma língua A para uma língua B impulsiona a vivência de dramáticas que perpassa a atividade do intérprete, uma vez que é esse intérprete, na sua posição axiológica, quem vai decidir qual a melhor forma de se apresentar a informação.

Considerações finais

A partir da investigação das particularidades na atividade de interpretação televisiva do gênero entrevista coletiva, foi possível identificar características presentes nesse tipo de atuação, a saber, a forma de apoio em uma equipe que possui intérpretes surdos e ouvintes, a influência que o tempo apresenta para esses intérpretes, as implicações da disposição dos convidados durante o programa e quais estratégias interpretativas foram pensadas para atingir um público tão abrangente.

Devido a utilização do dispositivo da autoconfrontação, ambas as profissionais tiveram a oportunidade de analisar o produto resultante de sua atividade de trabalho, o que trouxe memórias relacionadas àquela experiência. Além de todo o trabalho realizado durante a interpretação, foi possível ressaltar e reforçar a importância da preparação por meio de estudos prévios sobre o tema a ser interpretado que, quando realizados pela equipe, auxiliam e guiam a interpretação, uma vez que com estes estudos a equipe de intérpretes estará mais preparada para entender os contextos dos diálogos produzidos no programa, como perguntas relacionadas a acontecimentos recentes na carreira do entrevistado confirmando o que alguns pesquisadores vem mostrando sobre essa atividade. A preparação também possibilita o uso de acréscimos como estratégias durante a interpretação, pois, em alguns momentos, a informação no enunciado é transmitida de maneira sutil na língua portuguesa.

Encontrou-se, também, algumas estratégias e fatores diretamente relacionados com o programa Roda Viva evidenciando que o gênero entrevista coletiva impõe aos intérpretes aspectos que lhes são característicos e que precisam ser absorvidos na interpretação. Dentre as particularidades desse gênero, o tempo parece ser um fator que intensifica o grau de dificuldade da interpretação nesse contexto.

Verificou-se que o processo de tomada de decisão do interpretar, desperta dramáticas da atividade de trabalho, pois cada escolha do que interpretar ou do que omitir é acompanhada de inúmeros pensamentos e conflitos atravessados pela visão de mundo do próprio intérprete que é, também, sujeito social, histórico e ideológico. A escolha do que omitir é particular de cada profissional e, por mais que se fale de um gênero em específico, cada intérprete possui um processo de tomada de decisões distinto revelando, nessa direção, singularidades do processo.

Percebemos, também, que o intérprete de apoio possui grande influência no trabalho em equipe. Durante a análise do *corpus*, é possível notar que Natalia e Beatriz trabalham em conjunto para que a interpretação possua a melhor qualidade possível explorando parâmetros da Libras e auxiliando-se mutuamente em momentos de tomadas de decisões.

Mesmo com tudo que foi apurado, com todo o preparo e todo o conhecimento das profissionais, ambas destacam que o trabalho de interpretação está submetido a situação de produção do evento. Isso não evidencia erros ou equívocos por parte das profissionais, porém destaca que a interpretação é uma atividade cercada de imprevisibilidades impondo a constante elaboração de estratégias e a realização de escolhas apropriadas.

Por meio das informações obtidas pelo dispositivo da autoconfrontação, foi possível observar como dispõe-se a atividade de interpretação em um programa televisivo ao vivo com alcance nacional a partir da experiência de duas profissionais que, atravessadas por dramáticas ligadas à atividade, revelam e descrevem o saber que é construído a partir de sua aderência ao contexto analisado. Esperamos que as discussões realizadas possam contribuir para a atuação e formação de intérpretes de Libras que atuam ou que pretendem atuar no contexto televisivo.

Referências

ABNT. NBR 15.290. **Acessibilidade em comunicação na televisão**. Rio de Janeiro: ABNT, 2005. Disponível em: https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_17.pdf. Acesso em: 5 out. 2021.

BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em: 3 maio 2019.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em: https://http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 10 maio 2021.

FAITA, D; VIEIRA, M. **Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre autoconfrontação cruzada.** Cuiabá, p. 27-65, 2003.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LI, X. Are Interpreting Strategies Teachable? Correlating Trainees' Strategy Use with Trainers' Training in the Consecutive Interpreting Classroom, **The Interpreters' Newsletter**, n. 18, p. 105-128, 2013.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 320-353, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p319>. Acesso em: 28 jun. 2021.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016a.

NASCIMENTO, N. **Interpretação simultânea do português para a Libras no programa Roda Viva da TV Cultura.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

NASCIMENTO, V. Consumo da cultura audiovisual por surdos: perfil sociolinguístico e questões para planejamento de políticas linguísticas e de tradução. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 10, n. 22, p. 386-406, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/15345/11587>. Acesso em: 14 set. 2021.

NASCIMENTO, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.

56, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138649203273941>. Acesso em: 10 jul. 2020.

NASCIMENTO, V. Da norma legislativa à atividade interpretativa: acessibilidade comunicacional de surdos à mídia televisiva. *In: SILVA, A. A.; ALBRES, N. A.; RUSSO, A. (Orgs.). Diálogo em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais*. Curitiba: Editora Prismas, 2016b.

NASCIMENTO, V. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de Libras/Português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1121-1150, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-639820145604>. Acesso em: 15 set. 2021.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740> Acesso em: 18 fev. 2021.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVEZ, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Orgs.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. New York: Routledge, 2004.

PRETI, D. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Desenvolvimento bilíngue intermodal: implicações para educação e interpretação de língua de sinais. *In: MOURA, M. C.; CAMPOS, S. R. L.; VERGAMINI, S. A. A (Orgs.). Educação para surdos: práticas e perspectivas II*. São Paulo: Santos, 2011.

QUADROS, R. M. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, p. 168-178, 2006.

QUADROS, R. M. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>. Acesso em: 5 out. 2021.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de língua de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-

45, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SCHMIDT, F. Pessoas com deficiência: breves notas sobre sua terminologia, seu conceito jurídico e sua disciplina constitucional no Brasil. **Revista Jurídica do MPE-TO**, ano 12, n. 17, 2019. Disponível em: <http://cesaf.mpto.mp.br/revista/index.php/revistampto/article/view/14/3>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

SCHWARTZ, Y. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 65, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301998000400004&script=sci_arttext. Acesso em: 5 out. 2021.

SILVA, A. A.; RUSSO, A. Diferenças e similitudes entre a ‘interpretação indireta’ e a ‘interpretação indireta sinalizada’: uma análise sobre a posição de ‘intérprete-feed’. *In*: SILVA, A. A.; ALBRES, N. A.; RUSSO, A. (Orgs.). **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SILVA, A.; NOGUEIRA, T. C. Considerações acerca da interpretação de língua oral para a língua de sinais com a presença de intérprete de apoio. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2012.

TRANQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. esp., p. 93-113, ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38e.8639753>. Acesso em 30 jun. 2021.

TV CULTURA. **Roda Viva**. S/d, disponível em: <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

VIEIRA, M. A. M. Autoconfrontação enunciativa discursiva e análise do trabalho psiquiátrico. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 13, p. 1-15, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3994>. Acesso em 30 jun. 2021.

VIEIRA, M. A.; FAITA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**, Cuiabá, v. 7, n. 7, p. 27-65, 2003. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1137>. Acesso em: 25 jun. 2021.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Sobre os autores

Vinícius Nascimento (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3057-5828>)

Doutor e mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Bacharel em Fonoaudiologia pela mesma instituição. É professor adjunto II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nicolas Nascimento

Estudante do Curso de Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais – Libras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Recebido em julho de 2021.

Aprovado em outubro de 2021.